

Circum-navegando as repercussões socio-mediáticas do contexto pandémico

Circum-navigating the socio-media repercussions of the pandemic context

Vania Baldi*

*Universidade de Aveiro – Centro de Investigação em Media Digitais e Interação

Com a eclosão da pandemia entrámos em uma temporalidade histórica que tínhamos a tentação de definir como excecional, representativa de uma clivagem epocal. Todavia, assim fazendo, correríamos o risco de cair naquela presunção cultural que o sociólogo Jib Fowles definiu com o termo de “cronocentrismo”. Quando em 1974 Fowles escreveu na revista *Futures* que cada época e geração histórica têm a tendência em se acharem, ingenuamente, únicas e decisivas, representando o próprio tempo como mais importante do que os outros períodos na história, queria chamar a atenção sobre o enviesamento da compreensão histórica por parte das culturas focadas no próprio presente. Tal enviesamento poderia implicar e levar para uma atitude autocelebratória, bem como de vitimização. Porém, explicava o sociólogo, é comum às diferentes gerações que se alternam no palco da história partilhar narrativas sobre o próprio tempo alinhadas com esta ideia de excecionalidade memorável. Neste sentido, é exemplar a recente reedição do livro *Reflexões sobre a mentira*, publicado em 1943 pelo filósofo Alexandre Koyré, cujo *incipit* é: “Nunca se mentiu tanto como nos nossos dias. Nem se mentiu de forma tão descarada, sistemática e constante” (Koyré, 2021, p. 7).

Naturalmente, aqui não se trata de relativizar a tragédia histórica e social representada pela pandemia e pelos seus efeitos, mas apenas de salientar que o mundo pós-pandémico (esperando que a pandemia e as suas sequelas não fiquem crónicas, isto é, que a condição de emergência sanitária não se torne permanente) continuará a ser reconhecível, que embora diferente continuaremos a lidar com as suas ambivalências, com os seus avanços e recuos, envolvidos na eterna dialética entre a busca de novos caminhos e a prossecução dos já conhecidos.

A história, parafraseando Walter Benjamin, é constituída por uma sucessão de “agora” (*jetztzeit*) experienciados em vivo como potencialmente determinantes e promissores de mudanças significativas. Ao analisar algumas das muitas facetas que vieram a desenhar o panorama socio-mediático contemporâneo, este número especial da OBS* pretende sondar a configuração de novos horizontes de pesquisa proporcionados pela emergência socio-sanitária, tentando esclarecer a relevância dos desafios que emergiram no campo info-comunicacional ao longo do ano pandémico.

No último ano, perante a pandemia, entrámos numa sociedade de quarentena, o teor da vida social que se instalou foi, na maioria dos casos, o da suspensão e sobrevivência (Han, 2021). A realidade mostrou o seu rosto mais imprevisível e opaco, indiferente às nossas expectativas e aos nossos *habitus* culturais. Tivemos assim acesso a uma experiência social inédita que, involuntariamente, abriu caminho para uma inédita condição de investigação sociológica. Deparamo-nos todos com mais perguntas do que com respostas, e com a incerteza a alastrar-se pelos vários campos da vida social esta tornou-se num “laboratório” de novas experiências. Os estudiosos envolvidos nas pesquisas que aqui apresentamos foram desafiados a registar, analisar e correlacionar algumas das mudanças em curso, monitorando e observando um processo dentro do qual, estando mergulhados nele, ninguém consegue ser impermeável às suas implicações.

No âmbito da ciência da comunicação, por exemplo, foi uma ocasião para estudar de perto as características morfogénicas da opinião pública. Neste cenário, com o desconhecido a reinar, a opinião pública sobre determinados temas não preexistia, criando-se as condições para (in)formá-la e formar-se dentro novos registos semânticos. Em poucos meses compreendemos quão fundamental é um sistema mediático livre numa sociedade altamente exposta às consequências das suas inúmeras conexões com o resto do mundo e tão interligada a fenómenos dificilmente inteligíveis. Provavelmente, entendemos em definitivo que sem comunicação social a pandemia teria provocado um desastre incalculável, sem sistemas informativos à altura do desafio teríamos experienciado um verdadeiro caos na gestão dos processos de prevenção e na compreensão das medidas tomadas, sem a articulação entre intermediários profissionais teríamos tido um número bem maior de mortos.

Todavia, neste número especial apresentamos um conjunto de estudos que refletem diferentes graus de complexidade e criticidade revelados pelo cenário pandémico no contexto info-comunicacional. Os temas da infodemia, da cobertura jornalística, da presença dos cientistas no palco mediático, da produção e consumo de novos formatos noticiosos, as estratégias de readaptação e integração no quotidiano de serviços e instrumentos digitais utilizados para contrabalançar o isolamento e o distanciamento físico, viabilizando novas formas de proximidades (na esfera da intimidade, da família e do trabalho), assim como a reprodução de cliché e disparidades de género na comunicação social ou a emergência de novos mercados na área do audiovisual e do *podcasting* constituem, todos juntos, os diferentes pontos de observação sobre uma realidade socio-mediática reconfigurada pelos desafios trazidos pela emergência socio-sanitária.

Através deste prisma analítico destacam-se luzes e sombras sobre o panorama sociocultural e mediático contemporâneo, bem sabendo que por trás das suas manifestações persistem antigos condicionamentos políticos, éticos e económicos pontualmente referidos nos vários estudos. Neste sentido, tais estudos devem ser perspectivados como alavancas para ampliar o debate e as convergências entre sensibilidades epistemológicas diferentes.

Afinal, voltando a parafrasear Walter Benjamin, seria ainda mais catastrófico que as coisas continuem como antes, seria uma ocasião perdida não saber mudar os eixos sociopolíticos e socioeconómicos corresponsáveis da crise atual, seria uma triste confirmação do nosso conformismo não saber desafiar um resgate epistémico e social (civilizacional) das instâncias sociais reveladas pela pandemia. São muitas as lições que poderíamos aprender com a emergência socio-sanitária, esperamos que com a leitura dos estudos aqui apresentados se possa contribuir, de forma *inteligente*, a promover a valorização de algumas das suas potencialidades e a despistar alguns dos seus riscos, sabendo-se que a inteligência espelha o saber *inter-legere, escolher entre*, saber distinguir entre o que merece ser destacado como promissor, o que é apenas uma contingência e o que pode consolidar conservadorismos já conhecidos.

Referências Bibliográficas

- Fowles, J. (1974). On chronocentrism. *Futures*, 6(1), 65-68. [https://doi.org/10.1016/0016-3287\(74\)90008-1](https://doi.org/10.1016/0016-3287(74)90008-1)
- Han, B-C. (2021). *A Sociedade Paliativa*. Lisboa: Relógio D'Água
- Koyré, A. (2021). *Reflexões sobre a mentira*. Lisboa: VS